

Hoje, todos sabem como é que isso começa.

Toda a "turma" estava presente. Jogava-se um pokersinho, uns por prazer, outros por camaradagem, e algum por distração. A noite estava chuvosa, e os pensamentos dançavam nos cérebros, passando de um assumpto para outro, indo e vindo, mas detendo-se pouco nesse pokersinho que tanta gente toma a serio. Falava-se a respeito de tudo, e a conversação discorria sobre aquella gamma de nullidades quando as atenções se firmaram sobre o Ramão Planella

Como sempre acontecia, o Ramão tinha chamado as atenções sobre si mesmo, ao mencionar o Cinema de Amadores. Ramão era um "fan" ardente, e tinha progredido ultimamente, passando da photographia, em "its" para a Cinematographia, e afinal procurando a filmagem e côres, com o auxilio de um filtro Kodacolor que elle havia adquirido para a sua Cine-Kodak, já que a sua Pathé não passava jamais daquella emulsão de um tom negro bem monotono. Elle havia conhecido toda a nossa "turma" por meu intermedio, e agora que todos se interessavam pela "mania" do Ramão, procuravam discutir os seus pontos de vista. Agora o nosso amigo Ignacio Rizzi, e o Euler Almeida, que tinha vindo de Ilhéus com o proposito de adquirir material para a sua sociedade de amadores, poucos deixavam de fallar sobre a mania do Ramão, tomando-a porém como uma mania, mais do que outra coisa. E foi por isso que o Jorge Julien, propositalmente fez notar:

— A mim me parece que o que tu chamas o Cinema de Amadores é mais um passatempo do que um estudo.

O Ramão franziu os sobrolhos, mas continuou calmo, embora a coisa me parecesse que ia acabar em barulho.

— Mas Ramão, você acredita que qualquer pessoa também possa fazer uma fita com enredo? indagou o Luiz Serack.

— E além disso, Ramão, argumentou o Barros, os films custam rios de dinheiro. Eu, por exemplo, soube que a Cinédia andou gastando muito dinheiro para terminar os seus "Labios sem Beijos" dentro de uma semana.

Puxei a carteira de cigarros e tomei de um daquelles que todos nós preferiamos. Accendi um phosphoro. E ia puxar a primeira fumaça, quando notei que o Jorge ainda debatia sobre o mesmo assumpto, insistindo em considerar o Cinema de Amadores como um passatempo.

Por fim o Ramão entrou na arena. E, dirigindo-se a todos nós, expoz suas idéas:

— Escutem vocês, amigos sabios, e especialmente tu, illustre Jorge. Eu não tenho a pretensão de dizer que conheça muito a respeito no nosso Cinema. Conheço tanto quanto vocês, porque cada um de nós usa da sua camarazinha. Apenas as minhas idéas são diversas, e só são diversas porque eu tenho a certeza de que muita gente, por ahí afóra, tem feito films apresentaveis, films de amadores, films com enredo, e dispoendo de menos material do que nós dispomos! E tu, Jorge, si és verdadeiramente um "fan" e um brasileiro, proponho-te isto: vamos fazer um film. Todos que estão aqui concordarão comnosco, e concorrerão mesmo com o material que fôr preciso. E si eu não puder realizar um film que te convença, e mais a tres outros criticos que tu escolheres, dar-te-hei uma tão formidável feijoada, que não precisarás nem de jantar. Mas si o film te convencer, ou aos teus criticos, então, Jorge, entrarás com os feijões.

A proposta estallou como a mais inesperada das surpresas. Eu tinha ouvido aquelle discurso todo do Ramão com o cigarro entre os labios e o phosphoro entre os dedos. Com



Como um amator conseguiu igualar os ângulos de Fritz Lang.

uma expressão de surpresa, e ao mesmo tempo encantado com o que aquella proposta nos promettia, atirei o phosphoro no cinzeiro e comecei a "fumar" aquelle cigarro que nem tinha chegado a accender...

O negocio estava feito!

— E prestem atenção, continuou o Ramão. Si ha uma coisa, que põe toda e qualquer produção de amadores por agua abaixo, é essa idéa, que muita gente possui, de que as estrellas do film é que são o principal. Eu não quero que vocês concordem commigo, mas quero que fique bem comprehendido que vo-

Cinema de Amadores

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

"A Biographia de um Club"
(Phantasia)

cês todos vão ter um director; e que a palavra desse director será lei! A mim, pouco me importa quem vocês escolham para director. Mas o que eu exijo é que todos sigam a sua palavra ao pé da letra.

— Proponho o Romão, disse o Barros, para director do nosso film!

— E eu proponho que o thesoureiro, si acaso precisarmos de um thesoureiro, vá anotando toda a escriptura da associação. Além disso, proponho que se lhe dê o titulo de Cia. Cine-Amadorismo do Brasil, promovendo-se o Romão a director e presidente do conselho de administração, suggeriu o Ribeiro de Moraes, cujo conhecimento do Codigo Civil parecia um portento.

As duas propostas foram acceitas por unanimidade. E então o "fan", que havia si-

do eleito como director e chefe do nosso grupo, tomou a palavra:

— Antes de tudo, preciso explicar que não "dou" para discursos floreados, como vocês quizeram suppôr. O meu modo de dizer tem que ser Brasileiro e bem Brasileiro. Por isso, vocês têm que ouvir o que lhes vou ensinar, de um modo bem e todo popular. Escutem o que tenho a dizer. Eu posso cometer varios erros, tanto na distribuição do elenco, como na direcção ou na photographia, mas esses erros serão meus, e o unico culpado delles serei eu e mais ninguem. Em troca, porém, eu darei a vocês, posso afirmar com toda a certeza, um mez de convivencia em estudos praticos de Cinema como vocês nunca puderam ter sózinhos, lá nos Estados d'onde vieram! Que tal?

— Maravilhoso, disse eu. Estou de pleno accordo. Tu, Ramão, entras com o megaphone directorial. Tu, Almeida, entras com a camara novinha em folha que acabas de adquirir. E eu desde já affirmo aqui a todos que amanhã mesmo "contractarei" as minhas primas para os papeis femininos. Precisamos determinar as nossas despezas com a produção do film. E precisamos, por isso, distribuir o total dessas despezas, aqui por entre nós mesmos, que já somos os "accionistas" da companhia. Não estás de accordo, Ramão?

— De certo, Sergio. E além disso, eis aqui a minha proposta: Cada um de nós entrará com um rôlo de film virgem penchromatico Kodak, de 50 pés de comprimento, isto é, de 15 1/2 metros. Esses rôlos de 50 pés, que a Kodak Brasileira anda vendendo agora, pôde sahir a cada um de nós, incluindo-se a revelação, por uns 30 a 40 mil reis. Ficaremos portanto com 600 pés de film, já que somos 12; 600 pés, agora os titulos, o que levará uns 40 minutos de projecção! Fica entendido que não iremos cortar scenas assim atôa; nem iremos gastar o nosso film sem outro criterio. Mas si os 600 pés não derem para a encomenda, estou certo de que, com mais 100 pés, acabaremos a produção. Esses outros 100 pés serão pagos proporcionalmente por todos nós. Cada um entrará com um—doze avos do seu custo. Mas escutem bem isto: pôde bem acontecer que um de vocês tenha que entrar com os 50 pés de film, porém não appareça no film, nem mesmo como figurante; e isso porque o director o tenha encarregado de tomar conta dos reflectores. Mas as coisas terão que ser assim mesmo. Ou todos ficam de accordo de antemão, ou então não se faz nada.

Que é que você diz Jorge?

— Perfeitamente de accordo. Aliás podes vêr que todos concordam.

— Muito bem. Então este ponto está assente. Agora, quanto ao scenario...

— Isso se arranja na hora, disse um dos da "turma".

— Não! Pensas que é assim? tornou o Ramão. Pergunta ao proprio Jorge. A historia precisa ser bem imaginada. E além disso, não pode ser nem muito longa, nem muito complicada. A produção tem que ser curta, suave; e quando ella estiver prompta, poderemos então iniciar algo de mais importancia. E aqui temos a continuidade, para ser iniciada.

— A continuidade representa, na filmagem da nossa historia, o que a colla represen-tará na projecção das scenas, fiz eu. Ella irá ligar os "rushes", uns com os outros, de um modo seguro, perfeito, e inegalavel!

Neste ponto, o Ramão expoz os seus planos. Elle tinha imaginado um scenario bem simples contendo apenas um interior. Todas as outras scenas eram exteriores. A historia referia-se á difficuldade da vida, e aos revezes soffridos por um pobre coitado que era obrigado a dormir nos bancos dos nossos jardins.